

IV Congresso Internacional “Vertentes do Insólito Ficcional”
VII Encontro Nacional “O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional”
XV Painel “Reflexões sobre o insólito na narrativa ficcional”

Monstruosidades ficcionais

Homenagem aos 200 anos de *Frankenstein* de Mary Shelley (1818 – 2018)
UERJ, Instituto de Letras, de 12 a 14 de novembro de 2018

Simpósios Abertos para Inscrição de Comunicações

Título: Distopia e monstruosidade

Eixo(s): Tempos monstruosos

Coordenação: André Cabral de Almeida Cardoso (UFF) e
Pedro Puro Sasse da Silva (UERJ/ UFF)

Ementa: Na primeira parte de seu longo estudo sobre a distopia, *Dystopia: A Natural History*, Gregory Claeys dedica um capítulo inteiro à investigação da mitologia dos monstros. Para Claeys, a ideia de um Outro monstruoso está por trás de uma longa história de perseguições a minorias que ajuda a consolidar a dominação exercida por um grupo hegemônico sobre o resto da sociedade. Claeys afirma ainda que os monstros definem o espaço distópico original, marcado pelo medo; sendo assim, eles estariam no início da história da distopia. Já na era moderna, um dos grandes protótipos da monstruosidade seria a criatura de Frankenstein, conforme delineada no romance de Mary Shelley. Segundo Claeys, a criação do monstro por Frankenstein refletiria a tentativa de criar um novo sujeito social na Revolução Francesa, além de apontar para um ameaçador uso desregrado da ciência. Pode-se dizer também que a criação de um ser humano artificial através da ciência representa o temor de uma crescente mecanização que afetaria todos os aspectos das sociedades modernas, e que M. Keith Booker vê como uma das fontes do pensamento distópico a partir do século XIX. A criatura de Frankenstein, portanto, encarnaria uma série de ansiedades sociais e epistemológicas que caracterizaria a literatura distópica desde suas origens até o presente. De fato, não seria absurdo afirmar que a distopia é a representação mais intensa de um tempo monstruoso. Por sua vez, a perversão das relações sociais nas distopias, aliada a um uso instrumental da ciência, pode levar à criação de corpos monstruosos, reedições da criatura de Frankenstein, como os gêmeos gerados em massa de *Brave New World*, de Aldous Huxley, os androides de *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, de Philip K. Dick, ou mesmo animais híbridos da trilogia *MaddAddam*, de Margaret Atwood. O corpo físico, assim, funciona como símbolo e reflexo de um corpo social monstruoso. O objetivo deste seminário é discutir as relações entre a distopia e a monstruosidade, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento da distopia enquanto gênero literário, quanto ao seu papel como meio para a crítica social. Interessa-nos, portanto, examinar as distorções criadas por relações de poder nas distopias, a representação de dinâmicas de medo e controle, a criação de espaços, corpos e personagens monstruosos nas distopias, e a influência do gótico sobre as narrativas distópicas. Aceitam-se não só trabalhos que abordem textos literários, mas também aqueles que discutem outros meios de expressão cultural, como o cinema, a televisão e os quadrinhos.

Título: Espacialidades metaempíricas: do insólito ao monstruoso

Eixo(s): Composição de espaços monstruosos

Coordenação: Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/CNPq), Ana Paula Silva (IFTM/ UFU) e Bruno Silva de Oliveira (IF Goiano/ UFU)

Ementa: Este simpósio possui como foco as relações plausíveis entre as representações do espaço ficcional e as manifestações metaempíricas na narrativa fantástica. Em primeiro lugar, esclarecemos que consideramos a literatura fantástica pela perspectiva modal e, nesse sentido, o simpósio agregará enfoques de modalidades diversas, como a do fantástico puro (na concepção todoroviana), do maravilhoso, do estranho, da fantasia, do gótico, da ficção científica, entre outras. Em segundo lugar, pontuamos que a noção de metaempírico, advinda dos estudos de Filipe Furtado, agrega elementos/ acontecimentos seja da ordem do sobrenatural, seja da ordem do inexplicável, porque, ainda que mantenham uma base comum com os princípios ordenadores do mundo empírico, mantêm-se inexplicáveis e geram um efeito insólito. Esperamos, então, reunir trabalhos que procurem problematizar como as espacialidades narrativas (cenário, corpos, objetos etc.) são responsáveis pela irrupção do insólito e como elas podem ser monstruosas.

Título: Figuração de personagens monstruosas

Eixo(s): Composição de personagens monstruosas; Figuras monstruosas; Monstruosidades insólitas; Transmigrações ou sobrevida de personagens monstruosas

Coordenação: Carlos Reis (UC, Portugal) e Luciana M. da Silva (UERJ/ UC)

Ementa: A reflexão acerca dos processos de figuração de personagens vem operando de modos diversos no correr do tempo e da história. Assim, as estratégias envolvidas na arquitetura do monstro e da monstruosidade constituem-se a partir de um longo percurso seja pela tipificação de entes sobrenaturais, bizarros, seja pela conjugação de elementos naturais, mas com disfunções psíquicas. Nesse sentido, a construção do monstro na história poderia ser proveniente da deformidade exterior ou da interior ou de ambas. As personagens poderiam, então, ser constituídas pela monstruosidade tanto externa quanto interna, física e psíquica, sólita e insólita. Pretende-se no presente simpósio promover o debate acerca de padrões ou diferenças presentes na constituição do monstro e para quê isso importa na composição das arquiteturas narrativas, focando nas relações entre os processos de figuração da personagem e as manifestações do insólito na narrativa. O objetivo é discutir sobre os processos de construção do monstro e da monstruosidade no decorrer do tempo, modelos e configurações da personagem através do tempo.

Título: Gênero, raça e monstruosidades em narrativas ficcionais antigas e modernas

Eixo(s): Figuras monstruosas; Composição de personagens monstruosas; Monstruosidades Insólitas

Coordenação: Henrique Marques Samyn (UERJ) e Lina Arao (FME – Niterói)

Ementa: Este simpósio temático propõe uma discussão sobre os diversos modos de concepção do “outro” como representação da monstruosidade, a partir de processos de racialização e generificação, abarcando o largo espectro temporal que se estende da Antiguidade até o “longo século XIX”. Nesse sentido, trata-se de compreender o “monstro” como uma representação particular de sujeitos e corpos não-hegemônicos – portanto, desviantes, abjetos ou não-legitimados, que diferentes modulações discursivas caracterizarão como abominações, aberrações, entes *contra natura* ou “quimeras”; corpos e sujeitos, portanto, passíveis de sofrer os efeitos de procedimentos socialmente aceitos de discriminação, exclusão ou aniquilação. Pensar o gênero: como estruturas patriarcais mobilizaram estereótipos, crenças e valores misóginos para qualificar configurações de feminilidade que de algum modo as desafiavam como monstruosas? De que forma masculinidades que transgrediam a normatividade imposta foram percebidas como desviantes ou aberrantes e, em decorrência disso, inscritas em categorias que as equiparavam a monstros? Pensar a raça: de que maneira discursos fundamentados em ideários raciais etnocêntricos, ou mesmo supremacistas, sustentaram modos de subalternização e exotificação de sujeitos e corpos racializados, para tanto recorrendo a elementos teratológicos?

O dilatado recorte proposto – desde a Antiguidade até o “longo século XIX” – abarca contextos intelectuais e culturais que conceberam múltiplas formas de monstruosidades, assim propiciando uma pletera de problematizações: questões fulcrais são, por exemplo, o etnocentrismo subjacente à antiga noção de “bárbaro”; a ordenação da realidade decorrente das concepções teológicas medievais; a leitura de sujeitos e corpos não-europeus no período das conquistas; os efeitos normativos da racionalidade iluminista; e as fronteiras entre o “normal” e o “anormal”, sedimentadas ao longo do processo de ascensão do cientificismo. No âmbito da proposta deste evento acadêmico, importa considerar como essas questões se articulam com as diversas manifestações do insólito, em seus variados aspectos – o Maravilhoso, o Fantástico, o Estranho ou o Sobrenatural, por exemplo.

Em consonância com o acima exposto, o simpósio temático acolherá propostas de comunicação que utilizem conceitos decorrentes dos estudos sobre gênero e/ou raça para abordar narrativas ficcionais que apresentem elementos insólitos, dialogando implícita ou explicitamente com discursos mitológicos, teológicos, filosóficos e científicos, encerrem representações de corpos e subjetividades figuradas ou percebidas como monstruosas – na medida em que ensejam algum tipo de tratamento ou interpretação próximas da teratologia.

Título: Literaturas do insólito em diálogo: América Latina, África e Caribe

Eixo(s): Figuras monstruosas

Coordenação: Maria Cristina Batalha (UERJ) Vanessa Massoni da Rocha (UFF)

Ementa: Este simpósio tem como proposta discutir a literatura insólita, notadamente a construção de figuras monstruosas, dentro de uma perspectiva comparatista, que afaste a ideia de “influência” e trabalhe em paralelo algumas manifestações literárias, de diferentes latitudes e com origem em várias tradições e línguas de expressão literárias, que traduzam pontos em comum entre si. O contato entre culturas e o diálogo entre elas promove importantes ressignificações e cria novos caminhos para se repensar as configurações genéricas, os diferentes processos de figuração de “monstros”, associados a diferentes motivos literários e a novos jogos intertextuais. Pensamos, por exemplo, no rico material mitológico que essas literaturas resgatam e os incorporam a modelos literários de matriz europeia/ocidental, no conjunto de lendas e “causos” que a forte tradição oral mantém preservados, além da vertente animista, presença marcante na ficção desses países. Assim, daremos voz ao estudo da

literatura fantástica e suas figuras “monstruosas” como traço recorrente na América Latina, África e Caribe e ao diálogo que ela estabelece com as manifestações do insólito em outras literaturas.

**Título: Manifestações do monstruoso:
A subversão das fronteiras de gêneros literários**

Eixo(s): Monstruosidades insólitas

Coordenação: Alexander Meireles da Silva (UFG – Catalão) e Luciana Colucci (UFTM)

Ementa: Este simpósio tem como objetivo se colocar como um local de discussão das fronteiras do Fantástico, ou melhor, das subversões que marcam o Fantástico na sua perspectiva modal e que contemplam narrativas diversas, tais como, apenas para citar algumas, a Ficção Científica, o Gótico, a Fantasia, o Realismo Mágico, o mito e a lenda. Essa subversão de fato é uma das características do Fantástico observada em diferentes momentos. O Gótico de *O Castelo de Otranto* (1764), por exemplo, se situa entre a tradição do romance e a inovação do novel. A Ficção Científica em *Frankenstein* (1818) herda do Gótico o manejo do elemento insólito como disruptor da ordem, algo largamente desenvolvido nas décadas seguintes no Gótico vitoriano. *A Metamorfose* (1915), de Franz Kafka quebra a categorização todoroviana anunciando as transformações do insólito dentro da Modernidade. Contexto este que também fomentou o *Weird fiction* finissecular explorado por H. P. Lovecraft nas suas narrativas de Horror cósmico, mesclando Ficção Científica e Horror. Assim como a criatura de Frankenstein, construída a partir de pedaços distintos de pessoas, o Fantástico também continuou com essa costura entre vertentes do insólito ficcional no século 20 por meio tanto do *New Weird* de raízes decadentistas e *weird* quanto do *Slipstream*, de origem no campo da ficção científica norte-americana e que traz aproximações com o Realismo Mágico.

Título: Monstars: monstruosidades e horror audiovisual

Eixo(s): Figuras monstruosas; espaços monstruosos; tempos monstruosos; cenas ou cenários monstruosos; transmigrações ou sobrevida de personagens monstruosas

Coordenação: Claudio Vescia Zanini (UFRGS), Marcio Markendorf (UFSC) e
Aparecido Donizete Rossi (UNESP – Araraquara)

Ementa: O fascínio da ficção pela monstruosidade é histórico e facilmente detectável: trata-se de uma atração que perpassa lugares variados, da tragédia grega às novelas e séries de televisão, da poesia épica às obras de Shakespeare, da literatura medieval aos quadrinhos. Deformidades físicas, espirituais e morais de criaturas – deste e de outros mundos – atraem audiências através de histórias contadas em variados contextos e em diversas plataformas, em clara evidência da capacidade dos ícones monstruosos se reciclarem, sobreviverem e evoluírem. Os monstros e as monstruosidades têm a capacidade de simultaneamente nos lembrar de nossa humanidade e de nossa inumanidade, posto que simbolizam a relação de estranheza entre nós e o mundo que nos cerca. Em vista disso, este simpósio pretende celebrar o protagonismo dos monstros em obras de ficção audiovisual, acolhendo propostas que discutam, entre outros aspectos: 1. Os mecanismos utilizados pelo horror audiovisual na construção de monstruosidades e geografias monstruosas; 2. As séries contemporâneas como espaço de consolidação e canonização do monstro, tal como em *Supernatural*, *The Walking Dead*, *American Horror Story*, *Breaking Bad*, *House of Cards* e *True Blood*; 3. As relações entre beleza, feiura, maldade e monstruosidade no horror audiovisual; 4. A construção de espaços e geografias impregnados pela monstruosidade: maldições, lembranças traumáticas, pesadelos; 5. Adaptações intermídia de obras monstruosas; 6. A migração de monstros cinematográficos e televisivos de uma tela para outra em remakes, reboots, franquias e adaptações; 7. A monstruosidade e os contextos sociopolíticos da atualidade: governos despóticos, tiranias, ditaduras, golpes de estado, silenciamentos, homofobia, misoginia, racismos, xenofobia, ameaças invisíveis; 8. leituras de obras de ficção de horror audiovisual à luz de teorias do gótico, do insólito e do fantástico; 9. movimentos e subgêneros no cinema de horror: o slasher, o splatter, o falso documentário, o found footage, o body horror, o pornô da tortura, o snuff, o giallo, o cinema zumbi, horror oriental, horror em língua espanhola, horror brasileiro, o “pós-horror”; 10. Monstruosidades clássicas: vampiros, zumbis, múmias, fantasmas, lobisomens, bruxas, alienígenas; 11. Práticas sociais e monstruosidade: canibalismo, religiosidade, sexualidade, dinâmicas familiares disfuncionais, desequilíbrios psicológicos; 12. Monstruosidades em obras autorais: Alfred Hitchcock, George A. Romero, John Carpenter, Paco Plaza, Lars von Trier, Quentin Tarantino, Wes Craven, e outros.

Título: Monstruosidades do fantástico brasileiro

Eixo(s): Monstruosidades insólitas

Coordenação: Enéias Tavares (UFSM), Suellen Cordovil (UNIFESSPA) e
Cleber A. Cabral (Cefet-MG)

Ementa: Este simpósio objetiva fomentar a discussão sobre personagens, situações e espaços ficcionais que envolvam criaturas, tempos e cenários monstruosos no escopo do fantástico produzido no e/ou sobre o Brasil. Para tanto, receberemos trabalhos que analisem obras de autores ou autoras nacionais e que apresentem em seu enredo personagens monstruosos, sejam elas clássicas – como fantasmas, vampiros, lobisomens, alienígenas, dragões, zumbis, demônios e outros – ou tipicamente nacionais – como Boitatás, Sacis, Cucas, Capelobos e outros. Apesar de valorizarmos discussões que tratem dos gêneros romance e conto e de modos narrativos variados – horror, terror,

ficção-científica, alta fantasia, etc – trabalhos sobre poesia também serão aceitos, desde que enfoquem o(s) tema(s) indicado(s). Este simpósio origina-se na pesquisa de Enéias Tavares (UFSM) e Bruno Anselmi Matangrano (USP/CNPq) dedicada ao “Fantástico Brasileiro” – exposição e livro –, cujo principal objetivo é debater e compreender a produção literária de matriz nacional e viés insólito.

Título: O inumano e o monstro

Eixo(s): Composição de personagens monstruosas; Figuras monstruosas

Coordenação: Ângela Dias (UFF), Leonardo Bérenger (PUC-Rio) e
Maria Conceição Monteiro (UERJ)

Ementa: É no contexto da vulnerabilidade do corpo e das categorias do desconhecido e do incerto que o inumano – um pensamento que expõe o horror e o fascínio pelo monstro, pelo espectro – torna-se uma promessa. É necessário compreender que a vulnerabilidade, aqui entendida como a própria condição do tornar-se, me leva a questionar a certeza e a centralidade do próprio ser humano, na literatura e no cinema. O inumano traz como questão uma fenomenologia que pode pensar para além da experiência humana. Os corpos-imagens, os mortos, os monstros, são corpos transformados em nada. Mas algo fica nesse nada, um estado anônimo que não pode ser identificado. O algo se torna presença. O espectro retorna para sentir-se no mundo dos vivos, mas essa relação é sempre duvidosa. De uma perspectiva feminista, sabe-se que o corpo social e biológico existe em processo de transformação histórica. Dessa forma, há corpos híbridos, vulneráveis, ciborgues e o corpo-morto-vivo, o espectro. Contudo, o corpo humano não desaparece, apenas ressurgue como alteridade potencial, um monstro, assim. Um monstro que é um híbrido de humano e espectro. Cito Haraway (1994) cuja discussão sobre o ciborgue me parece oportuna para pensar o monstro e o inumano. Para a autora o que conta como humano e não-humano não é dado por definição, mas somente como relação, pelo engajamento em encontros mundanos, onde as fronteiras tomam formas e as categorias se sedimentam. O inumano celebra a alteridade, figuras liminais que evadem a igualdade e a diferença. A ordem natural é desconstruída, como assinala Anzaldúa (1987), pois o perverso, o estranho, o meio morto, são os que fazem a travessia para o outro lado. Então, não é a alteridade do outro absoluto que se mostra, mas a figura inquietante do entremeio que já é tanto eu como outro. Adentra-se aqui entre outros mundos possíveis, não como seres humanos, mas como figuras inumanas, corpos impossíveis em seu desaparecimento conclusivo. Ou como nos lembra Derrida (1994) a respeito do espectro, eles estão sempre lá, mesmo que não existam, mesmo que já não sejam, mesmo que ainda não sejam. Daí ser sempre um corpo estranho. Um monstro

Título: O mal na narrativa para crianças e jovens: olhares da literatura e do ensino

**Eixo(s): Composição de personagens monstruosas; Espaços monstruosos;
Tempos monstruosos**

Coordenação: Maria Zilda da Cunha (USP), Regina Michelli (UERJ) e
Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES)

Ementa: O mal se faz presente nas narrativas desde que eram contadas oralmente ao redor das lareiras, espelhamento de traços que caracterizam o ser humano em suas imperfeições ou criação de seres maravilhosos em meio a eventos insólitos e o medo deles decorrente, geralmente assinalando a superação do mal ao final da história. Gigantes, bruxas, diabos, casas e torres mal-assombradas, florestas assustadoras, personagens amaldiçoados à espera de uma redenção exemplificam alguns dos elementos que habitam os contos de fadas. Contemporaneamente, avultam psicopatas, tiranos e corruptos vivendo em megalópoles em meio a angústia e o medo de tempos não utópicos, expressão de intolerâncias e violências. A morte, a doença, a deformidade, o sofrimento, o orgulho desmedido, de certa forma a velhice, o preconceito, os vícios são também males que assombram a humanidade. Cada época, cada sociedade configura e reconfigura o mal e suas representações. Na esteira do que argumenta Julio Jeha, os monstros corporificam o que é perigoso e horrível na experiência humana. Assinalam a estranheza e a ligação do homem tanto com o que o cerca, quanto com o seu próprio interior ainda habitado pela maldade, pela sombra em visão junguiana. Assim, este simpósio aceita trabalhos que, tendo por *corpus* narrativas para crianças e jovens em diferentes linguagens e suportes, proponham uma reflexão sobre o mal presente nas histórias, focalizem personagens, espaços e tempos monstruosos que emergem nas narrativas, bem como práticas pedagógicas decorrentes da leitura das histórias em sala de aula.

Título: O Monstruoso em obras da Literatura-Mundo

Eixo(s): Transmigrações ou sobrevida de personagens monstruosas

Coordenação: Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ) e Egle Pereira da Silva (UERJ)

Ementa: Este simpósio focalizará obras literárias e artísticas que tematizam o monstruoso em si e um exemplário de monstruosidades, para discuti-los pela perspectiva da Literatura-Mundo (*World Literature*). Em outras palavras, convergem para nossos interesses duas focalizações em crescente prestígio no campo dos estudos literários: de um lado, as especificidades do imaginário terrífico (Tuchermann: 1999; Silva, Tadeu T.: 2000); de outro, os processos, intuições e políticas textuais subjacentes à transposição estética desse fabulário de taras, deformidades, pulsões

inumanas e figurações do aberrante que provêm de diálogos intensos, solidários e resistentes a tradições longevas, entre velhos e novos monstros.

O monstruoso comparece, nas figurações artísticas, desde a Antiguidade aos dias atuais. Hoje continua sendo explorado por todas as mídias e pelos estudos culturais. A maioria dos estudos a seu respeito parte das conferências sobre *Les Anormaux*, proferidas por Michel Foucault no Collège de France (1974-1975), nas quais o monstro é definido como um híbrido entre gêneros, espécies e sexos, e referido a uma diferenciação derivada da polarização animal / humano, matriz de oposições que se multiplicam na proporção de suas reatualizações. De acordo com Foucault, o monstro quebra as leis biológicas e sociais das quais difere, ao combinar o impossível e o proibido. Ao mesmo tempo, ele as questiona e é um de seus mais imperativos signos. A dialética do monstruoso se anuncia desde o étimo ligado ao verbo latino *monstrare* (“mostrar, “ensinar”), que continua revelando, ainda hoje, algo de numinoso perante os pecados humanos, as calamidades da História (guerras, inventos perversos, mundo maquínico etc.) ou os desastres naturais. Apesar da referência potencialmente ambígua, que leva o monstro a ser entendido como um fenômeno de alteridade e diferença, não se exclui que ele seja encarado como figura marginal única *ex negativo*, ou seja, totalmente nefasta (Overthun 2009, 47 e segs.).

Pensando nos atozes e nas atrocidades que projetam suas imagens da literatura universal aos recantos das literaturas nacionais, propomos uma visão prismática, não binária do comparativismo, capaz de evidenciar que a relação entre obras individuais e literatura-mundo decorre sobretudo do “potencial supranacional e até mesmo mundial da[s] primeira[s]” (Buescu 2013, 50); da não-contemporaneidade do contemporâneo (Moser: 1995), da “[...] grande conversa da literatura mundial [que] ocorre em dois níveis muito diferentes: entre os autores que conhecem e reagem ao trabalho uns dos outros e na mente do leitor, onde os trabalhos se encontram e interagem de maneiras que podem ter pouco a ver com proximidade cultural e histórica” (Damrosch 2003, 298).

Se o monstruoso encontra-se, em bruto, das formulações mais arcaicas dos mitos às criações mais arrojadas do cinema e das artes telemáticas, a Literatura-Mundo, por aspectos teórico-críticos fundamentais para uma nova forma de comparativismo, nos ajudará a preservar o que há de heterogêneo nas parcerias monstruosas da galeria literária e artística mundial e a refinar a abordagem da experiência particular (em contextos material e virtualmente diferentes da sua origem) a que o monstruoso sobejamente aponta.

Título: Vozes insólitas: representações de diversidades e minorias na literatura e no cinema contemporâneos

Eixo(s): Composição de personagens monstruosas, de espaços monstruosos, de tempos monstruosos

Coordenação: Ana Cristina dos Santos (UERJ) e Camila da Silva Alavarce (UFU)

Ementa: Este simpósio tem como objetivo reunir pesquisadores que desenvolvam estudos sobre o insólito e sua relação com as personagens consideradas minorias na sociedade: as mulheres, os negros, os indígenas, os homossexuais, os idosos e as crianças. Ressaltamos a importância de incluir narrativas literárias ou fílmicas que possibilitem a reflexão sobre a presença dessas personagens como elementos inseridos em uma sociedade de poder – hierarquizada e enrijecida – e a irrupção da ambientação insólita por meio da qual essas personagens se (re)constroem e tornam-se sujeito com voz social. Dessa forma, a alteridade e a busca identitária estão entre as marcas dessas obras. Nelas, as protagonistas enfrentam constantemente um movimento de revisão, destruição e reconstrução do modo de ser. A busca por uma identidade obriga, além de discutir o papel histórico desempenhado ideologicamente pelas sociedades sobre essa população, a analisar também as questões relacionadas às discriminações potencializadas em termos de gênero, raça, etnia, faixa etária e cultura que precisam ser repensadas em prol de um viver humanizado em que as diferenças se afirmem em harmoniosa convivência. Se o mal está presente em narrativas desde seus primórdios, quando eram transmitidas pela oralidade, contemporaneamente a monstruosidade avulta em personagens que fazem do preconceito o estigma da vilania e da opressão, de intolerâncias e violências, também deslocando para o outro, considerado diferente e “estranho”, a percepção de monstro. Assim, a proposta deste simpósio é analisar a configuração de personagens que tangenciem essas abordagens – personagens negras, indígenas, imigrantes, masculinas, femininas, homoeróticas, infantis, jovens, velhas etc. visando repensar monstruosidades contemporâneas baseadas em padrões comportamentais orientados por códigos ideológicos alienantes do ser. Aceitam-se também trabalhos direcionados a apresentar possíveis práticas docentes cujo objetivo seja desconstruir estereótipos e refletir sobre uma educação comprometida positivamente com as relações ligadas às diversidades humanas. Assim, a presença dessas personagens no insólito ficcional possibilita a discussão sobre a questão das relações de poder; suas formas de traduzir-se e ser traduzida; a construção/reconstrução das personagens e seus múltiplos constituintes de identidade e o papel dessas minorias na estrutura narrativa e, conseqüentemente, na sociedade atual.

Título: Vozes monstruosas no espaço literário discursivo

Eixo(s): Figuras monstruosas

Coordenação: Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR), Virginia Frade Pandolfi (ANEP) e Marcelo Enrique Damonte Luzi (UDELAR – Uruguai)

Ementa: O simpósio convida a debruçar sobre o discurso da personagem literária monstruosa como mensagem que expressa uma integração/aproximação, ou separação/distanciamento com relação ao discurso e/ou a presença humana na literatura. Tais discursos podem se manifestar em espaços de hibridação dos seres e dos mundos, em

territórios poéticos e retóricos que divergem acerca da manifestação insólita do monstro, em narrativas articuladas por personagens mutantes ou, ainda, em processos linguísticos que prescindem dos paradigmas da ordem. Referenciais teóricos podem incluir a análise do discurso, estudos do território/espacialidade da voz e do corpo, assim como o estudo das ocorrências do hibridismo, da irredutibilidade da outridade, da questão animal e das críticas ao humanismo. Autores diversos podem ser os interlocutores, tais como Mikhail Bakhtin, Roland Barthes, Howard Phillips Lovecraft, Vicente Serrano Marín, Maria Esther Maciel, Júlio Jeha, Filipe Furtado, David Roas, a bióloga Donna Haraway, e os filósofos Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Jacques Derrida e Giorgio Agamben.

Título: Distopia e monstruosidade

Eixo(s): **Tempos monstruosos**

Coordenação: André Cabral de Almeida Cardoso (UFF) e
Pedro Puro Sasse da Silva (UERJ/ UFF)

Ementa: Na primeira parte de seu longo estudo sobre a distopia, *Dystopia: A Natural History*, Gregory Claeys dedica um capítulo inteiro à investigação da mitologia dos monstros. Para Claeys, a ideia de um Outro monstruoso está por trás de uma longa história de perseguições a minorias que ajuda a consolidar a dominação exercida por um grupo hegemônico sobre o resto da sociedade. Claeys afirma ainda que os monstros definem o espaço distópico original, marcado pelo medo; sendo assim, eles estariam no início da história da distopia. Já na era moderna, um dos grandes protótipos da monstruosidade seria a criatura de Frankenstein, conforme delineada no romance de Mary Shelley. Segundo Claeys, a criação do monstro por Frankenstein refletiria a tentativa de criar um novo sujeito social na Revolução Francesa, além de apontar para um ameaçador uso desregrado da ciência. Pode-se dizer também que a criação de um ser humano artificial através da ciência representa o temor de uma crescente mecanização que afetaria todos os aspectos das sociedades modernas, e que M. Keith Booker vê como uma das fontes do pensamento distópico a partir do século XIX. A criatura de Frankenstein, portanto, encarnaria uma série de ansiedades sociais e epistemológicas que caracterizaria a literatura distópica desde suas origens até o presente. De fato, não seria absurdo afirmar que a distopia é a representação mais intensa de um tempo monstruoso. Por sua vez, a perversão das relações sociais nas distopias, aliada a um uso instrumental da ciência, pode levar à criação de corpos monstruosos, reedições da criatura de Frankenstein, como os gêmeos gerados em massa de *Brave New World*, de Aldous Huxley, os andróides de *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, de Philip K. Dick, ou mesmo animais híbridos da trilogia *MaddAddam*, de Margaret Atwood. O corpo físico, assim, funciona como símbolo e reflexo de um corpo social monstruoso. O objetivo deste seminário é discutir as relações entre a distopia e a monstruosidade, tanto no que diz respeito ao desenvolvimento da distopia enquanto gênero literário, quanto ao seu papel como meio para a crítica social. Interessa-nos, portanto, examinar as distorções criadas por relações de poder nas distopias, a representação de dinâmicas de medo e controle, a criação de espaços, corpos e personagens monstruosos nas distopias, e a influência do gótico sobre as narrativas distópicas. Aceitam-se não só trabalhos que abordem textos literários, mas também aqueles que discutem outros meios de expressão cultural, como o cinema, a televisão e os quadrinhos.

Título: Espacialidades metaempíricas: do insólito ao monstruoso

Eixo(s): **Composição de espaços monstruosos**

Coordenação: Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/CNPq), Ana Paula Silva (IFTM/ UFU) e Bruno Silva de Oliveira (IF Goiano/ UFU)

Ementa: Este simpósio possui como foco as relações plausíveis entre as representações do espaço ficcional e as manifestações metaempíricas na narrativa fantástica. Em primeiro lugar, esclarecemos que consideramos a literatura fantástica pela perspectiva modal e, nesse sentido, o simpósio agregará enfoques de modalidades diversas, como a do fantástico puro (na concepção todoroviana), do maravilhoso, do estranho, da fantasia, do gótico, da ficção científica, entre outras. Em segundo lugar, pontuamos que a noção de metaempírico, advinda dos estudos de Filipe Furtado, agrega elementos/ acontecimentos seja da ordem do sobrenatural, seja da ordem do inexplicável, porque, ainda que mantenham uma base comum com os princípios ordenadores do mundo empírico, mantêm-se inexplicáveis e geram um efeito insólito. Esperamos, então, reunir trabalhos que procurem problematizar como as espacialidades narrativas (cenário, corpos, objetos etc.) são responsáveis pela irrupção do insólito e como elas podem ser monstruosas.

Título: Figuração de personagens monstruosas

Eixo(s): **Composição de personagens monstruosas; Figuras monstruosas; Monstruosidades insólitas; Transmigrações ou sobrevida de personagens monstruosas**

Coordenação: Carlos Reis (UC, Portugal) e Luciana M. da Silva (UERJ/ UC)

Ementa: A reflexão acerca dos processos de figuração de personagens vem operando de modos diversos no correr do tempo e da história. Assim, as estratégias envolvidas na arquitetura do monstro e da monstruosidade constituem-se a partir de um longo percurso seja pela tipificação de entes sobrenaturais, bizarros, seja pela conjugação de elementos naturais, mas com disfunções psíquicas. Nesse sentido, a construção do monstro na história poderia ser proveniente da deformidade exterior ou da interior ou de ambas. As personagens poderiam, então, ser constituídas pela monstruosidade tanto externa quanto interna, física e psíquica, sólita e insólita. Pretende-se no presente simpósio promover o debate acerca de padrões ou diferenças presentes na constituição do monstro e para quê isso importa na

composição das arquiteturas narrativas, focando nas relações entre os processos de figuração da personagem e as manifestações do insólito na narrativa. O objetivo é discutir sobre os processos de construção do monstro e da monstruosidade no decorrer do tempo, modelos e configurações da personagem através do tempo.

Título: Gênero, raça e monstruosidades em narrativas ficcionais antigas e modernas

Eixo(s): Figuras monstruosas; Composição de personagens monstruosas; Monstruosidades Insólitas

Coordenação: Henrique Marques Samyn (UERJ) e Lina Arao (FME – Niterói)

Ementa: Este simpósio temático propõe uma discussão sobre os diversos modos de concepção do “outro” como representação da monstruosidade, a partir de processos de racialização e generificação, abarcando o largo espectro temporal que se estende da Antiguidade até o “longo século XIX”. Nesse sentido, trata-se de compreender o “monstro” como uma representação particular de sujeitos e corpos não-hegemônicos – portanto, desviantes, abjetos ou não-legitimados, que diferentes modulações discursivas caracterizarão como abominações, aberrações, entes *contra natura* ou “quimeras”; corpos e sujeitos, portanto, passíveis de sofrer os efeitos de procedimentos socialmente aceitos de discriminação, exclusão ou aniquilação. Pensar o gênero: como estruturas patriarcais mobilizaram estereótipos, crenças e valores misóginos para qualificar configurações de feminilidade que de algum modo as desafiavam como monstruosas? De que forma masculinidades que transgrediam a normatividade imposta foram percebidas como desviantes ou aberrantes e, em decorrência disso, inscritas em categorias que as equiparavam a monstros? Pensar a raça: de que maneira discursos fundamentados em ideários raciais etnocêntricos, ou mesmo supremacistas, sustentaram modos de subalternização e exotificação de sujeitos e corpos racializados, para tanto recorrendo a elementos teratológicos?

O dilatado recorte proposto – desde a Antiguidade até o “longo século XIX” – abarca contextos intelectuais e culturais que conceberam múltiplas formas de monstruosidades, assim propiciando uma pletera de problematizações: questões fulcrais são, por exemplo, o etnocentrismo subjacente à antiga noção de “bárbaro”; a ordenação da realidade decorrente das concepções teológicas medievais; a leitura de sujeitos e corpos não-europeus no período das conquistas; os efeitos normativos da racionalidade iluminista; e as fronteiras entre o “normal” e o “anormal”, sedimentadas ao longo do processo de ascensão do cientificismo. No âmbito da proposta deste evento acadêmico, importa considerar como essas questões se articulam com as diversas manifestações do insólito, em seus variados aspectos – o Maravilhoso, o Fantástico, o Estranho ou o Sobrenatural, por exemplo.

Em consonância com o acima exposto, o simpósio temático acolherá propostas de comunicação que utilizem conceitos decorrentes dos estudos sobre gênero e/ou raça para abordar narrativas ficcionais que apresentem elementos insólitos, dialogando implícita ou explicitamente com discursos mitológicos, teológicos, filosóficos e científicos, encerrem representações de corpos e subjetividades figuradas ou percebidas como monstruosas – na medida em que ensejam algum tipo de tratamento ou interpretação próximas da teratologia.

Título: Literaturas do insólito em diálogo: América Latina, África e Caribe

Eixo(s): Figuras monstruosas

Coordenação: Maria Cristina Batalha (UERJ) Vanessa Massoni da Rocha (UFF)

Ementa: Este simpósio tem como proposta discutir a literatura insólita, notadamente a construção de figuras monstruosas, dentro de uma perspectiva comparatista, que afaste a ideia de “influência” e trabalhe em paralelo algumas manifestações literárias, de diferentes latitudes e com origem em várias tradições e línguas de expressão literárias, que traduzam pontos em comum entre si. O contato entre culturas e o diálogo entre elas promove importantes ressignificações e cria novos caminhos para se repensar as configurações genéricas, os diferentes processos de figuração de “monstros”, associados a diferentes motivos literários e a novos jogos intertextuais. Pensamos, por exemplo, no rico material mitológico que essas literaturas resgatam e os incorporam a modelos literários de matriz europeia/ocidental, no conjunto de lendas e “causos” que a forte tradição oral mantém preservados, além da vertente animista, presença marcante na ficção desses países. Assim, daremos voz ao estudo da literatura fantástica e suas figuras “monstruosas” como traço recorrente na América Latina, África e Caribe e ao diálogo que ela estabelece com as manifestações do insólito em outras literaturas.

Título: Manifestações do monstruoso: A subversão das fronteiras de gêneros literários

Eixo(s): Monstruosidades insólitas

Coordenação: Alexander Meireles da Silva (UFG – Catalão) e Luciana Colucci (UFTM)

Ementa: Este simpósio tem como objetivo se colocar como um local de discussão das fronteiras do Fantástico, ou melhor, das subversões que marcam o Fantástico na sua perspectiva modal e que contemplam narrativas diversas, tais como, apenas para citar algumas, a Ficção Científica, o Gótico, a Fantasia, o Realismo Mágico, o mito e a lenda. Essa subversão de fato é uma das características do Fantástico observada em diferentes momentos. O Gótico de *O Castelo de Otranto* (1764), por exemplo, se situa entre a tradição do romance e a inovação do novel. A Ficção Científica em

Frankenstein (1818) herda do Gótico o manejo do elemento insólito como disruptor da ordem, algo largamente desenvolvido nas décadas seguintes no Gótico vitoriano. *A Metamorfose* (1915), de Franz Kafka quebra a categorização todoroviana anunciando as transformações do insólito dentro da Modernidade. Contexto este que também fomentou o *Weird fiction* finissecular explorado por H. P. Lovecraft nas suas narrativas de Horror cósmico, mesclando Ficção Científica e Horror. Assim como a criatura de Frankenstein, construída a partir de pedaços distintos de pessoas, o Fantástico também continuou com essa costura entre vertentes do insólito ficcional no século 20 por meio tanto do *New Weird* de raízes decadentistas e *weird* quanto do *Slipstream*, de origem no campo da ficção científica norte-americana e que traz aproximações com o Realismo Mágico.

Título: *Monstars: monstrosidades e horror audiovisual*

Eixo(s): Figuras monstruosas; espaços monstruosos; tempos monstruosos; cenas ou cenários monstruosos; transmigrações ou sobrevida de personagens monstruosas

Coordenação: Claudio Vescia Zanini (UFRGS), Marcio Markendorf (UFSC) e
Aparecido Donizete Rossi (UNESP – Araraquara)

Ementa: O fascínio da ficção pela monstrosidade é histórico e facilmente detectável: trata-se de uma atração que perpassa lugares variados, da tragédia grega às novelas e séries de televisão, da poesia épica às obras de Shakespeare, da literatura medieval aos quadrinhos. Deformidades físicas, espirituais e morais de criaturas – deste e de outros mundos – atraem audiências através de histórias contadas em variados contextos e em diversas plataformas, em clara evidência da capacidade dos ícones monstruosos se reciclarem, sobreviverem e evoluírem. Os monstros e as monstrosidades têm a capacidade de simultaneamente nos lembrar de nossa humanidade e de nossa inumanidade, posto que simbolizam a relação de estranheza entre nós e o mundo que nos cerca. Em vista disso, este simpósio pretende celebrar o protagonismo dos monstros em obras de ficção audiovisual, acolhendo propostas que discutam, entre outros aspectos: 1. Os mecanismos utilizados pelo horror audiovisual na construção de monstrosidades e geografias monstruosas; 2. As séries contemporâneas como espaço de consolidação e canonização do monstro, tal como em *Supernatural*, *The Walking Dead*, *American Horror Story*, *Breaking Bad*, *House of Cards* e *True Blood*; 3. As relações entre beleza, feiura, maldade e monstrosidade no horror audiovisual; 4. A construção de espaços e geografias impregnados pela monstrosidade: maldições, lembranças traumáticas, pesadelos; 5. Adaptações intermídia de obras monstruosas; 6. A migração de monstros cinematográficos e televisivos de uma tela para outra em remakes, reboots, franquias e adaptações; 7. A monstrosidade e os contextos sociopolíticos da atualidade: governos despóticos, tiranias, ditaduras, golpes de estado, silenciamentos, homofobia, misoginia, racismos, xenofobia, ameaças invisíveis; 8. leituras de obras de ficção de horror audiovisual à luz de teorias do gótico, do insólito e do fantástico; 9. movimentos e subgêneros no cinema de horror: o slasher, o splatter, o falso documentário, o found footage, o body horror, o pornô da tortura, o snuff, o giallo, o cinema zumbi, horror oriental, horror em língua espanhola, horror brasileiro, o “pós-horror”; 10. Monstrosidades clássicas: vampiros, zumbis, múmias, fantasmas, lobisomens, bruxas, alienígenas; 11. Práticas sociais e monstrosidade: canibalismo, religiosidade, sexualidade, dinâmicas familiares disfuncionais, desequilíbrios psicológicos; 12. Monstrosidades em obras autorais: Alfred Hitchcock, George A. Romero, John Carpenter, Paco Plaza, Lars von Trier, Quentin Tarantino, Wes Craven, e outros.

Título: *Monstrosidades do fantástico brasileiro*

Eixo(s): Monstrosidades insólitas

Coordenação: Enéias Tavares (UFSM), Suellen Cordovil (UNIFESSPA) e
Cleber A. Cabral (Cefet-MG)

Ementa: Este simpósio objetiva fomentar a discussão sobre personagens, situações e espaços ficcionais que envolvam criaturas, tempos e cenários monstruosos no escopo do fantástico produzido no e/ou sobre o Brasil. Para tanto, receberemos trabalhos que analisem obras de autores ou autoras nacionais e que apresentem em seu enredo personagens monstruosos, sejam elas clássicas – como fantasmas, vampiros, lobisomens, alienígenas, dragões, zumbis, demônios e outros – ou tipicamente nacionais – como Boitatás, Sacis, Cucas, Capelobos e outros. Apesar de valorizarmos discussões que tratem dos gêneros romance e conto e de modos narrativos variados – horror, terror, ficção-científica, alta fantasia, etc – trabalhos sobre poesia também serão aceitos, desde que enfoquem o(s) tema(s) indicado(s). Este simpósio origina-se na pesquisa de Enéias Tavares (UFSM) e Bruno Anselmi Matangrano (USP/CNPq) dedicada ao “Fantástico Brasileiro” – exposição e livro –, cujo principal objetivo é debater e compreender a produção literária de matriz nacional e viés insólito.

Título: *O inumano e o monstro*

Eixo(s): Composição de personagens monstruosas; Figuras monstruosas

Coordenação: Ângela Dias (UFF), Leonardo Bérenger (PUC-Rio) e
Maria Conceição Monteiro (UERJ)

Ementa: É no contexto da vulnerabilidade do corpo e das categorias do desconhecido e do incerto que o inumano – um pensamento que expõe o horror e o fascínio pelo monstro, pelo espectro – torna-se uma promessa. É necessário compreender que a vulnerabilidade, aqui entendida como a própria condição do tornar-se, me leva a questionar a

certeza e a centralidade do próprio ser humano, na literatura e no cinema. O inumano traz como questão uma fenomenologia que pode pensar para além da experiência humana. Os corpos-imagens, os mortos, os monstros, são corpos transformados em nada. Mas algo fica nesse nada, um estado anônimo que não pode ser identificado. O algo se torna presença. O espectro retorna para sentir-se no mundo dos vivos, mas essa relação é sempre duvidosa. De uma perspectiva feminista, sabe-se que o corpo social e biológico existe em processo de transformação histórica. Dessa forma, há corpos híbridos, vulneráveis, ciborgues e o corpo-morto-vivo, o espectro. Contudo, o corpo humano não desaparece, apenas ressurgue como alteridade potencial, um monstro, assim. Um monstro que é um híbrido de humano e espectro. Cito Haraway (1994) cuja discussão sobre o ciborgue me parece oportuna para pensar o monstro e o inumano. Para a autora o que conta como humano e não-humano não é dado por definição, mas somente como relação, pelo engajamento em encontros mundanos, onde as fronteiras tomam formas e as categorias se sedimentam. O inumano celebra a alteridade, figuras liminais que evadem a igualdade e a diferença. A ordem natural é desconstruída, como assinala Anzaldúa (1987), pois o perverso, o estranho, o meio morto, são os que fazem a travessia para o outro lado. Então, não é a alteridade do outro absoluto que se mostra, mas a figura inquietante do entremeio que já é tanto eu como outro. Adentra-se aqui entre outros mundos possíveis, não como seres humanos, mas como figuras inumanas, corpos impossíveis em seu desaparecimento conclusivo. Ou como nos lembra Derrida (1994) a respeito do espectro, eles estão sempre lá, mesmo que não existam, mesmo que já não sejam, mesmo que ainda não sejam. Daí ser sempre um corpo estranho. Um monstro

Título: O mal na narrativa para crianças e jovens: olhares da literatura e do ensino

**Eixo(s): Composição de personagens monstruosas; Espaços monstruosos;
Tempos monstruosos**

Coordenação: Maria Zilda da Cunha (USP), Regina Michelli (UERJ) e
Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES)

Ementa: O mal se faz presente nas narrativas desde que eram contadas oralmente ao redor das lareiras, espelhamento de traços que caracterizam o ser humano em suas imperfeições ou criação de seres maravilhosos em meio a eventos insólitos e o medo deles decorrente, geralmente assinalando a superação do mal ao final da história. Gigantes, bruxas, diabos, casas e torres mal-assombradas, florestas assustadoras, personagens amaldiçoados à espera de uma redenção exemplificam alguns dos elementos que habitam os contos de fadas. Contemporaneamente, avultam psicopatas, tiranos e corruptos vivendo em megalópoles em meio a angústia e o medo de tempos não utópicos, expressão de intolerâncias e violências. A morte, a doença, a deformidade, o sofrimento, o orgulho desmedido, de certa forma a velhice, o preconceito, os vícios são também males que assombram a humanidade. Cada época, cada sociedade configura e reconfigura o mal e suas representações. Na esteira do que argumenta Julio Jeha, os monstros corporificam o que é perigoso e horrível na experiência humana. Assinalam a estranheza e a ligação do homem tanto com o que o cerca, quanto com o seu próprio interior ainda habitado pela maldade, pela sombra em visão junguiana. Assim, este simpósio aceita trabalhos que, tendo por *corpus* narrativas para crianças e jovens em diferentes linguagens e suportes, proponham uma reflexão sobre o mal presente nas histórias, focalizem personagens, espaços e tempos monstruosos que emergem nas narrativas, bem como práticas pedagógicas decorrentes da leitura das histórias em sala de aula.

Título: O Monstruoso em obras da Literatura-Mundo

Eixo(s): Transmigrações ou sobrevida de personagens monstruosas

Coordenação: Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ) e Egle Pereira da Silva (UERJ)

Ementa: Este simpósio focalizará obras literárias e artísticas que tematizam o monstruoso em si e um exemplário de monstruosidades, para discuti-los pela perspectiva da Literatura-Mundo (*World Literature*). Em outras palavras, convergem para nossos interesses duas focalizações em crescente prestígio no campo dos estudos literários: de um lado, as especificidades do imaginário terrífico (Tuchermann: 1999; Silva, Tadeu T.: 2000); de outro, os processos, intuições e políticas textuais subjacentes à transposição estética desse fabulário de taras, deformidades, pulsões inumanas e figurações do aberrante que provêm de diálogos intensos, solidários e resistentes a tradições longevas, entre velhos e novos monstros.

O monstruoso comparece, nas figurações artísticas, desde a Antiguidade aos dias atuais. Hoje continua sendo explorado por todas as mídias e pelos estudos culturais. A maioria dos estudos a seu respeito parte das conferências sobre *Les Anormaux*, proferidas por Michel Foucault no Collège de France (1974-1975), nas quais o monstro é definido como um híbrido entre gêneros, espécies e sexos, e referido a uma diferenciação derivada da polarização animal / humano, matriz de oposições que se multiplicam na proporção de suas reatualizações. De acordo com Foucault, o monstro quebra as leis biológicas e sociais das quais difere, ao combinar o impossível e o proibido. Ao mesmo tempo, ele as questiona e é um de seus mais imperativos signos. A dialética do monstruoso se anuncia desde o étimo ligado ao verbo latino *monstrare* (“mostrar, “ensinar”), que continua revelando, ainda hoje, algo de numinoso perante os pecados humanos, as calamidades da História (guerras, inventos perversos, mundo maquínico etc.) ou os desastres naturais. A despeito da referência potencialmente ambígua, que leva o monstro a ser entendido como um fenômeno de alteridade e diferença, não se exclui que ele seja encarado como figura marginal única *ex negativo*, ou seja, totalmente nefasta (Overthun 2009, 47 e segs.).

Pensando nos atozes e nas atrocidades que projetam suas imagens da literatura universal aos recantos das literaturas nacionais, propomos uma visão prismática, não binária do comparativismo, capaz de evidenciar que a relação entre obras individuais e literatura-mundo decorre sobretudo do “potencial supranacional e até mesmo mundial da[s] primeira[s]” (Buescu 2013, 50); da não-contemporaneidade do contemporâneo (Moser: 1995), da “[...] grande conversa da literatura mundial [que] ocorre em dois níveis muito diferentes: entre os autores que conhecem e reagem ao trabalho uns dos outros e na mente do leitor, onde os trabalhos se encontram e interagem de maneiras que podem ter pouco a ver com proximidade cultural e histórica” (Damrosch 2003, 298).

Se o monstruoso encontra-se, em bruto, das formulações mais arcaicas dos mitos às criações mais arrojadas do cinema e das artes telemáticas, a Literatura-Mundo, por aspectos teórico-críticos fundamentais para uma nova forma de comparativismo, nos ajudará a preservar o que há de heterogêneo nas parcerias monstruosas da galeria literária e artística mundial e a refinar a abordagem da experiência particular (em contextos material e virtualmente diferentes da sua origem) a que o monstruoso sobejamente aponta.

Título: Vozes insólitas: representações de diversidades e minorias na literatura e no cinema contemporâneos

Eixo(s): Composição de personagens monstruosas, de espaços monstruosos, de tempos monstruosos

Coordenação: Ana Cristina dos Santos (UERJ) e Camila da Silva Alavarce (UFU)

Ementa: Este simpósio tem como objetivo reunir pesquisadores que desenvolvam estudos sobre o insólito e sua relação com as personagens consideradas minorias na sociedade: as mulheres, os negros, os indígenas, os homossexuais, os idosos e as crianças. Ressaltamos a importância de incluir narrativas literárias ou fílmicas que possibilitem a reflexão sobre a presença dessas personagens como elementos inseridos em uma sociedade de poder – hierarquizada e enrijecida – e a irrupção da ambientação insólita por meio da qual essas personagens se (re)constroem e tornam-se sujeito com voz social. Dessa forma, a alteridade e a busca identitária estão entre as marcas dessas obras. Nelas, as protagonistas enfrentam constantemente um movimento de revisão, destruição e reconstrução do modo de ser. A busca por uma identidade obriga, além de discutir o papel histórico desempenhado ideologicamente pelas sociedades sobre essa população, a analisar também as questões relacionadas às discriminações potencializadas em termos de gênero, raça, etnia, faixa etária e cultura que precisam ser repensadas em prol de um viver humanizado em que as diferenças se afirmem em harmoniosa convivência. Se o mal está presente em narrativas desde seus primórdios, quando eram transmitidas pela oralidade, contemporaneamente a monstruosidade avulta em personagens que fazem do preconceito o estigma da vilania e da opressão, de intolerâncias e violências, também deslocando para o outro, considerado diferente e “estranho”, a percepção de monstro. Assim, a proposta deste simpósio é analisar a configuração de personagens que tangenciem essas abordagens – personagens negras, indígenas, imigrantes, masculinas, femininas, homoeróticas, infantis, jovens, velhas etc. visando repensar monstruosidades contemporâneas baseadas em padrões comportamentais orientados por códigos ideológicos alienantes do ser. Aceitam-se também trabalhos direcionados a apresentar possíveis práticas docentes cujo objetivo seja desconstruir estereótipos e refletir sobre uma educação comprometida positivamente com as relações ligadas às diversidades humanas. Assim, a presença dessas personagens no insólito ficcional possibilita a discussão sobre a questão das relações de poder; suas formas de traduzir-se e ser traduzida; a construção/reconstrução das personagens e seus múltiplos constituintes de identidade e o papel dessas minorias na estrutura narrativa e, conseqüentemente, na sociedade atual.

Título: Vozes monstruosas no espaço literário discursivo

Eixo(s): Figuras monstruosas

Coordenação: Heloísa Helena Siqueira Correia (UNIR), Virginia Frade Pandolfi (ANEP) e Marcelo Enrique Damonte Luzi (UDELAR – Uruguai)

Ementa: O simpósio convida a debruçar sobre o discurso da personagem literária monstruosa como mensagem que expressa uma integração/aproximação, ou separação/distanciamento com relação ao discurso e/ou a presença humana na literatura. Tais discursos podem se manifestar em espaços de hibridação dos seres e dos mundos, em territórios poéticos e retóricos que divergem acerca da manifestação insólita do monstro, em narrativas articuladas por personagens mutantes ou, ainda, em processos linguísticos que prescindem dos paradigmas da ordem. Referenciais teóricos podem incluir a análise do discurso, estudos do território/espacialidade da voz e do corpo, assim como o estudo das ocorrências do hibridismo, da irredutibilidade da outridade, da questão animal e das críticas ao humanismo. Autores diversos podem ser os interlocutores, tais como Mikhail Bakhtin, Roland Barthes, Howard Phillips Lovecraft, Vicente Serrano Marín, Maria Esther Maciel, Júlio Jeha, Filipe Furtado, David Roas, a bióloga Donna Haraway, e os filósofos Friedrich Nietzsche, Michel Foucault, Jacques Derrida e Giorgio Agamben.